



APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA: SOB FOGO

Estamos sob fogo. Literal e figuradamente. E enquanto as árvores ardem, engolidas pelas chamas, escrevemos. Enquanto os animais perecem, sufocados pela fumaça ou calcinados pelo fogo, escrevemos.

Abordando os temas da subalternidade e submissão, Nayana Moreira Moraes, em *SUBALTERNIDADE E PRECARIIDADE EM A MENOR MULHER DO MUNDO*, DE CLARICE LISPECTOR, discute como a imbricação de gênero e raça contribuem para a Outridade de Pequena Flor, seu silenciamento, mesmo por outras mulheres, sua alocação no polo do precário, daquelas vidas que não contam com proteção contra surtos de violência, que não são inteligíveis. As mulheres que comentam sobre Pequena Flor não a reconhecem como pertencente ao mesmo gênero que elas, em virtude de sua raça. O próprio “descobridor”, oposto em gênero e raça à Pequena Flor, um colonizador com uma visão eurocêntrica, tem algum grau de consciência de sua posição, pois fica desconcertado quando ela sorri para ele. O artigo é ancorado em um aporte teórico sólido e discute as questões da alteridade e subalternidade.

Seguindo com essa temática, em *A REPRESENTAÇÃO FEMININA NEGRA EM AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – *IMAGENS CONTROLADORAS E OLHAR OPOSICIONAL*, Marília Carolina de Moraes Florindo apresenta uma leitura do romance de Adiche à luz do conceito de olhar oposicional, de Bell Hooks. Ifemelu, a protagonista, enfrenta o problema de ser mulher, negra e estrangeira nos EUA. Ao perceber como é recebida, ela desenvolve esse olhar ao escrever um blog no qual relata suas experiências na metrópole, ao se defrontar com as imagens controladoras (conceito de Patrícia Hill Collins), que são diferentes das que ela encontrava na Nigéria.

A situação contraditória do intelectual brasileiro é discutida por Caroline Neres de Andrade, que reflete sobre questões de identidade, hibridismo e apagamentos em *ECOS DA MINHA ALMA CRIVADA DE RAÇAS*, uma leitura do poema *Improvisado para o mal da América*, de Mário de Andrade, de onde foi tirado o verso que dá título ao artigo. A autora aponta para as contradições e espaços vazios que o poema abriga na tentativa de abarcar o processo de formação da identidade nacional na década de 30, composta pela “tríade” branco-negro-índio, acrescida de imigrantes que chegam com suas línguas e costumes, destinados a modificar a face do país.



Por sua vez, em REFLEXÕES SOBRE CONJUGALIDADE E MATERNIDADE NO CONTO A IMITAÇÃO DA ROSA, DE CLARICE LISPECTOR, de Pollianna de Fátima Santos Freire, os dispositivos discursivos de gênero que constroem a submissão feminina em um mundo patriarcal são discutidos a partir do conto de Clarice Lispector. Laura, a protagonista, procura cumprir à risca seu papel de esposa, no entanto, falha em algo que não pode controlar: ela não consegue gerar filhos, e essa ausência pesa tanto que afeta sua saúde mental. Nesse contexto, a loucura – no início do conto Laura, recém saída de uma internação, repete a si mesma que está bem – é a sua forma de resistir à pressão social exercida sobre ela.

As narrativas televisivas são abordadas em VALE TUDO EM PEGA PEGA - O MESMO QUE SIGNIFICA DIFERENTE (EM) CENA DA LITERATURA TELENOVELÍSTICA BRASILEIRA, em que Claudemir dos Santos Silva e Dalexon Sérgio da Silva analisam as relações parafrásicas e polissêmicas que se estabelecem em duas cenas, em cada uma das novelas. Em *Vale tudo*, o vilão Marco Aurélio, ao fugir com sua amada, Leila, dá uma banana para o Brasil; em *Pega Pega*, o personagem Athaíde tenta fugir, o que acaba sendo frustrado pela polícia, o que impede a repetição, mas não a citação, do gesto. Assim, a primeira cena aponta para a impunidade, enquanto a segunda a reescreve em outra clave. Vale destacar que o mesmo ator, Reginaldo Faria, interpreta ambas as personagens, com um lapso de trinta anos, o que acentua tanto a semelhança das situações quanto a diferença colocada pela reescritura.

As questões de letramento literário e competência leitora são abordadas por Ellem Santos, Nilma Barros e Rildo Cosson, em IMAGEM E PALAVRAS: PRATICANDO ONLINE A LEITURA LITERÁRIA. O artigo traz a experiência de um curso de pós graduação em Letras que, consoante com os tempos que correm, foi ministrado on-line. O artigo primeiramente estabelece os parâmetros do que seja letramento literário, e da leitura de imagens, necessários para a análise do material a ser produzido pelos alunos. A seguir, encadeamentos narrativos similares são apresentados aos alunos, em forma narrativa e em forma imagética. Na terceira parte, os alunos se apropriam das narrativas produzindo seus próprios textos, e ampliando assim sua competência leitora.

Um tema candente na atualidade, a violência, e sua representação, norteiam a escritura de FACES E IMPORTÂNCIA DA VIOLÊNCIA NO ROMANCE ASSIM NA TERRA COMO EMBAIXO DA TERRA, DE ANA PAULA MAIA, de André Rezende Benatti e Mylena de Ávila Ferreira. O artigo apresenta primeiramente um conceito de violência e a seguir discute os



sentidos que “real” e “Realismo” podem tomar. Esse arcabouço teórico é necessário para analisar o romance de Maia, onde a violência passa a compor a tessitura da própria vida das personagens.

A poesia também marca presença no artigo de Sandra Maria Alves de Souza, HAICAIS NA COMPOSIÇÃO POÉTICA DE EDUARDO MAHON, em que ela discute o uso do gênero haicai pelo poeta mato-grossense Eduardo Mahon, utilizando como aporte teórico Alfredo Bosi e Antonio Candido. O corpus foi selecionado entre os poemas da trilogia *Meia Palavra Vasta* (2014), *Palavra de Amolar* (2015) e *Palavrazia* (2015).

Abordando a literatura latino-americana, Altamir Botoso, em UM ESTUDO DOS LEITMOTIVS DE CEM ANOS DE SOLIDÃO, estabelece quatro motivos estruturantes no romance e o analisa à luz dessa categoria. Dessa forma, os tempos do romance são desdobrados para revelar uma estrutura duplicada e cheia de *mise an abymes* que, ao replicar a duplicação estrutural em nível micro, prefiguram seu trágico final.

Por fim, explorando uma literatura ainda mais remota geograficamente, Jucelino de Sales utiliza o método indiciário do historiador Carlo Ginzburg para ler o romance de Ohan Pamuk, em O MÉTODO DA AIA COMO PROCEDIMENTO: SINAIS DE UM PARADIGMA INDICIÁRIO E DE UMA ESCRITA ASSASSINA NO ROMANCE MEU NOME É VERMELHO. Um dos personagens do romance, mestre Osman, investiga o assassinato de um miniaturista através do que ele chama de “método da aia”, correlato ao método de Ginzburg. Assim, Sales utiliza o arcabouço teórico da escrita da história segundo os teóricos da micro história. Igualmente, Barthes concorre com parte do arsenal teórico para a análise desse romance.

Na seção de resenhas, Wellington Vinicius da Cruz Godoi apresenta a RESENHA DO LIVRO AMOR NENHUM DISPENSA UMA GOTA DE ÁCIDO: ESCRITOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE SOBRE MACHADO DE ASSIS, DE HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES. Partindo de dois textos sobre Machado, publicados com trinta anos de distância, Guimarães indaga o que motivou a mudança de Drummond, do primeiro texto, bastante crítico ao Bruxo do Cosme Velho, ao segundo, um poema intitulado A um bruxo, com amor. O ponto de partida é a difícil relação dos modernistas com a tradição literária; o ponto de chegada, nas palavras do poeta, é o amor que não dispensa uma gota de ácido.



HETEROTOPIA, de Sergio Schargel, compõe o Espaço literário da presente edição. Texto distópico, acompanha as perplexidades de um cidadão de bem que apaga após a comemoração do impeachment, que acorda 15 anos depois para encontrar um país – e um mundo – ao revés, exposto com muito humor.

E enquanto as proteções, tanto administrativas quanto legais, de árvores e animais, são desmanteladas, seguimos escrevendo. Entre Dom Quixote e o gigante, nós sempre escolheremos o valente fidalgo de La Mancha.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes
Editora Chefe